

VOL. 01

SETEMBRO 2025

# PRONAIÁ DE DELFOΣ

*REVISTA ON-LINE*

INÍCIO DE  
UM PROJETO

CELTAS  
EM PAUTA  
TEXTOS  
INÉDITOS

[pronaiadedelfos.blogspot.com](http://pronaiadedelfos.blogspot.com)



10.5281/zenodo.17216079



VOL. 01

SETEMBRO 2025

# PRONAIA DE DELFO

*REVISTA ON-LINE*

INÍCIO DE  
UM PROJETO

CELTAS  
EM PAUTA  
TEXTOS  
INÉDITOS

[pronaiadedelfos.blogspot.com](http://pronaiadedelfos.blogspot.com)



10.5281/zenodo.17216079

**Direitos Autorais**

Todos os textos publicados nesta edição são de autoria de Rafael Ramires Santos Gasques.

**DOI da Edição:** 10.5281/zenodo.17216079

**Editor-Chefe:** Rafael Ramires Santos Gasques

**Local da Publicação:** Online

**Data da Publicação:** Setembro de 2025

**Reprodução:** É permitida a reprodução total ou parcial, desde que citada a fonte.

**PRONAIA DE DELFOS REVISTA ONLINE**

Volume 1, Número 1 – Setembro de 2025

# Sumário

---

1 - Bem-vindos a Revista Online Pronaia de Delfos!

Artigos

2- Povos do Norte e do Mar

3- Os Celtas em Território Português: Cultura, Religião e Legado

4- Conflito e Unificação: As Dinâmicas de Poder entre as Tribos

Celtas e a Resistência à Conquista Romana

5- Entre Deuses e Santos: A Religião Celta e sua Herança no  
Mundo Contemporâneo

6- A oralidade como mecanismo de transmissão de  
conhecimentos entre povos indo-europeus

7- Povos Celtas e Germânicos na Antiguidade: Perspectivas  
Historiográficas

8- O Dragão no Imaginário Medieval: Entre o Mal Cósmico e o  
Guardião de Tesouros

9- Paulo Veyne – Como se Escreve a História

10- Aurora da Europa - Novo livro digital

11- Divulgação: Artigo, Autismo na Vida Adulta

12- Referências Unificadas



## Bem-vindos a Revista Online Pronaia de Delfos!

---

É com grande satisfação que damos início à Pronaia de Delfos, uma revista digital dedicada à reflexão, ao rigor intelectual e ao diálogo com o conhecimento nas suas mais diversas formas.

Inspirado pelo templo de Atena Pronaia, que antecedia a entrada no santuário de Delfos — espaço de sabedoria e iniciação — este projeto nasce com a proposta de ser um ponto de encontro entre a História, a Filosofia e o pensamento crítico, sem abrir mão de uma abordagem acessível, porém comprometida com a seriedade acadêmica.

Nosso conteúdo se organiza em quatro eixos principais:

- História e História Antiga: análises e artigos que resgatam os acontecimentos, personagens e ideias que moldaram o mundo antigo e influenciam nossa sociedade até hoje.
- Filosofia: textos que exploram escolas filosóficas, autores e conceitos fundamentais para compreender a existência, a ética e o pensamento ocidental.
- Iniciação Acadêmica: orientações e reflexões voltadas a estudantes e iniciantes na vida universitária, com foco em metodologia, escrita científica e leitura crítica.

- Opinião: espaço para ensaios e textos autorais que dialogam com o presente, sempre sob uma perspectiva fundamentada e reflexiva.

A Pronaia de Delfos pretende ser um projeto em constante construção, onde o saber é valorizado como experiência coletiva, aberta ao debate e à escuta.

Seja bem-vindo(a) a este espaço. Esperamos que cada leitura seja um convite à investigação, ao questionamento e à busca por sentido — tal como os antigos buscavam as respostas no oráculo de Delfos, não para ouvir verdades prontas, mas para encontrar o caminho da sabedoria.

Que comece a jornada.

Com carinho  
Rafael Ramires S. Gasques



*Rafael Gasques (2025) Foto de divulgação*

## Povos do Norte e do Mar

---

As primeiras tribos do norte da Europa, que posteriormente originariam os vikings, construíram sua identidade em torno da terra, da religião e do mar. Ao lado de outros povos navegadores, como os denominados Povos do Mar, desenvolveram técnicas navais avançadas, expandiram fronteiras e deixaram contribuições duradouras para a formação da Europa medieval. Este ensaio propõe-se a investigar como as marcas linguísticas, a cultura religiosa, a prática agrícola e a supremacia naval se articularam na consolidação dessas sociedades e em sua projeção além das fronteiras escandinavas.

Os escandinavos primitivos formaram-se a partir de comunidades agrícolas e pastoris que, ainda no período pré-histórico, desenvolveram vínculos com o mar como fonte de subsistência e via de comunicação. A língua germânica do norte deu origem aos futuros idiomas escandinavos, revelando uma matriz cultural comum.

A religião, centrada em divindades como Odin, Thor e Freyja, conferia à guerra e ao cultivo da terra papéis sagrados, estabelecendo uma cosmovisão que unia o trabalho agrícola à honra militar.

A centralidade do mar na vida cotidiana dos povos escandinavos proporcionou a criação de embarcações adaptadas tanto para navegação costeira quanto para incursões em águas profundas. Essa relação entre meio ambiente, religião e técnica foi a base para o surgimento dos vikings, cuja expansão entre os séculos VIII e XI se tornou um marco na história da Europa.

Os Povos do Mar, registrados em documentos egípcios e do Mediterrâneo oriental, protagonizaram migrações intensas entre os séculos XIII e XII a.C. Embora sua origem ainda seja objeto de debate, sua ação demonstra a importância da navegação como fator de transformação histórica. Assim como os escandinavos, utilizaram o mar para deslocamentos militares e comerciais, interferindo na estabilidade política de impérios e reinos.

A convergência entre escandinavos e Povos do Mar está no papel fundamental da navegação. No norte europeu, essa habilidade culminou na Era Viking, caracterizada pelo uso de navios drakkar, embarcações de design sofisticado que garantiam velocidade e estabilidade.

## Povos do Norte e do Mar

---

A Grã-Bretanha, a França, a Península Ibérica e até mesmo regiões do Leste Europeu foram impactadas por essas expedições, que combinavam saques, comércio e colonização.

A influência escandinava se refletiu também no plano linguístico e cultural. Palavras de origem nórdica se incorporaram ao inglês antigo, enquanto elementos religiosos e sociais moldaram o imaginário europeu sobre honra, batalha e destino. O impacto da religiosidade guerreira, aliado ao avanço naval, consolidou os escandinavos como protagonistas de um processo de integração cultural e política que atravessou séculos.

A análise dos povos do norte e do mar evidencia como a agricultura, a religião e a supremacia naval foram elementos fundamentais para a expansão e consolidação dessas sociedades. Os escandinavos primitivos, com sua herança linguística e cultural, transformaram-se em vikings, conquistando territórios e estabelecendo redes de contato pela Europa. Os Povos do Mar, por sua vez, demonstram que a navegação sempre desempenhou papel central nos processos migratórios

e na transformação das sociedades antigas. Juntos, esses exemplos revelam que a história da Europa medieval não pode ser compreendida sem considerar o protagonismo marítimo e cultural de tais povos.



*Exemplo de barco viking - WikiCommons*



## Os Celtas em Território Português: Cultura, Religião e Legado

---

A presença dos povos celtas na Península Ibérica, particularmente no território que corresponde ao atual Portugal, constitui um campo de estudo central para a compreensão das dinâmicas culturais, sociais e religiosas da Idade do Ferro no Ocidente europeu. Longe de se tratar de uma população homogênea, os celtas eram formados por diversas tribos que partilhavam elementos linguísticos, religiosos e culturais, mas que também se adaptavam às realidades locais. Em Portugal, a arqueologia, a epigrafia e as fontes clássicas permitem identificar um mosaico cultural onde lusitanos, galaicos e célticos se destacam. Este ensaio busca analisar em profundidade a presença céltica em território português, destacando suas manifestações religiosas, organização social, cultura material, resistência à conquista romana e o legado que ainda ecoa na cultura luso-ibérica.

### Origens e Distribuição Tribal

Os celtas chegaram à Península Ibérica entre os séculos VIII e VI a.C., oriundos de movimentos migratórios vindos da Europa Central. No território português, estabeleceram-se principalmente no Norte e Centro, interagindo com comunidades locais.

Destacam-se os Callaeci ou galaicos, ocupando o Minho e a Galícia, os lusitanos, presentes na Beira Interior e parte da Estremadura espanhola, e os célticos, que habitavam o Alentejo e o Algarve. Essas populações mantinham uma organização baseada em clãs e tribos, reforçando laços comunitários por meio da guerra, da religião e do comércio. Cultura Material e os Castros

Os povos celtas em Portugal desenvolveram uma arquitetura peculiar, os castros, povoados fortificados em colinas estratégicas, caracterizados por muralhas concêntricas e habitações circulares em pedra. Exemplos notáveis incluem a Citânia de Briteiros, no Minho, e o Castro de Sanfins, em Paços de Ferreira. A chamada arte castreja manifesta-se em esculturas de guerreiros, animais como javalis e serpentes, e figuras protetoras que indicam tanto crenças religiosas quanto identidade comunitária. A metalurgia avançada do ferro e a mineração de ouro e estanho foram atividades fundamentais para a economia e para o intercâmbio com outros povos mediterrânicos.

## Os Celtas em Território Português: Cultura, Religião e Legado

---

A religiosidade celta em Portugal estava profundamente ligada à natureza, com destaque para montanhas, rios e florestas. Inscrições em latim registradas após a conquista romana preservam nomes de divindades locais, como Nabia, deusa das águas e da fertilidade; Bandua, protetor tribal de caráter guerreiro; Reue, associado à lei e aos juramentos; e Cosus, divindade bélica. Rituais incluíam sacrifícios de animais e oferendas em fontes e montanhas, evidenciando a concepção do espaço natural como território sagrado. A continuidade de cultos adaptados ao contexto romano demonstra a resiliência das crenças celtas. A organização social era marcada pelo caráter tribal, com os guerreiros em posição de prestígio. A economia baseava-se na agricultura de cereais, no pastoreio e na mineração, sendo complementada pelo comércio com fenícios, cartagineses e, posteriormente, romanos. A política era descentralizada, com chefes locais que se uniam em confederações temporárias diante de ameaças externas. A importância do prestígio militar era refletida na iconografia e nos enterramentos, que exibiam armas e símbolos de status.

A resistência celta à expansão romana foi notável, especialmente entre os lusitanos. A figura de Viriato, líder guerreiro que desafiou Roma no século II a.C., tornou-se símbolo do espírito de resistência. Apesar de derrotados, os celtas portugueses não desapareceram: muitos de seus deuses foram integrados ao panteão romano, seus castros adaptados a modelos urbanísticos romanos e suas tradições religiosas reinterpretadas. O processo de romanização, entretanto, não eliminou por completo a herança céltica, que sobreviveu em práticas culturais e crenças populares.

O legado dos celtas portugueses manifesta-se em diversos níveis. Topônimos de origem celta permanecem em rios como Nabão e em localidades que remetem a antigos cultos. O simbolismo da arte castreja ecoa em padrões geométricos da arte popular. Festas ligadas ao ciclo agrícola e crenças sobre fontes e montanhas remetem a tradições célticas.

## Os Celtas em Território Português: Cultura, Religião e Legado

---

A própria identidade regional do Norte de Portugal, especialmente no Minho e em Trás-os-Montes, ainda se associa a esse passado antigo. Desse modo, os celtas constituem parte essencial da formação da cultura portuguesa, tanto em sua dimensão material quanto simbólica. A análise da presença celta em território português evidencia um processo de intensa interação cultural entre populações locais e tradições indo-europeias. Sua religião, materialidade e organização social revelam a riqueza de um mundo em que a identidade era moldada tanto pela guerra quanto pelo sagrado.

A resistência frente a Roma demonstra o vigor dessas comunidades, ao passo que a romanização evidencia sua capacidade de adaptação. O legado celta permanece inscrito na memória cultural portuguesa, seja em nomes, símbolos ou práticas, consolidando-se como parte fundamental da história antiga de Portugal.



*Castelo português - WikiCommons*



## As Dinâmicas de Poder entre as Tribos Celtas e a Resistência

---

A civilização celta, na época de sua interação com Roma, não constituía um Estado-nação unificado, mas sim um conjunto vasto de centenas de tribos espalhadas pela Europa. Embora compartilhassem traços linguísticos, religiosos e artísticos, sua identidade era definida por uma autonomia tribal acentuada. A tese central deste trabalho é que a rivalidade inter-tribal constituiu a principal vulnerabilidade das sociedades celtas, habilmente explorada pelos romanos. No entanto, a ameaça existencial da conquista romana catalisou episódios notáveis de unificação, transformando os celtas em um adversário formidável.

A sociedade celta era estruturada em clãs, famílias nobres e uma elite sacerdotal de druidas, com autonomia tribal acentuada. As tribos mais proeminentes na Gália, como os Arvernos e os Éduos, ou na Britânia, como os Icenos, estavam frequentemente em conflito por:

- Território e Recursos: Disputas por terras férteis, rotas comerciais e recursos naturais.
- Hegemonia Regional: Rivalidades por supremacia política e militar.

- Motivações Culturais: A cultura guerreira celta valorizava a honra individual e tribal. A proeza marcial era um sinal de status, e os conflitos eram vistos como uma forma de vingança, honra e até mesmo como um ato de culto a divindades de guerra. Essa desunião foi o principal trunfo de Roma. A política de *divide et impera* de Júlio César, por exemplo, utilizou os Éduos como aliados contra outras tribos gaulesas, enfraquecendo a resistência de dentro para fora. A crescente brutalidade das campanhas romanas, incluindo a aniquilação de vilarejos e a escravização em massa, agiu como o principal catalisador para a unificação. O principal expoente dessa coalizão foi Vercingetórix, líder dos Arvernos. Ao persuadir tribos rivais, ele conseguiu superar antigas divisões e montar uma força formidável. A Batalha de Alésia representa o clímax dessa unificação, onde Vercingetórix conseguiu reunir um vasto exército de socorro, demonstrando a amplitude de sua coalizão. Apesar da derrota, Alésia permanece como o símbolo máximo da resistência celta unificada.

## As Dinâmicas de Poder entre as Tribos Celtas e a Resistência

---

A população celta era vasta, com a Gália sozinha possivelmente abrigando entre 5 e 10 milhões de pessoas. Embora os números de Júlio César possam ser exagerados, estimativas de até 1 milhão de mortos e outro milhão de escravizados indicam que a escala da resistência e da população era massiva. A derrota em Alésia e a rendição de Vercingetórix marcaram o fim da resistência organizada em larga escala. No entanto, o processo que se seguiu não foi de extermínio cultural, mas de romanização. A cultura celta não foi erradicada, mas fundida com a romana, adotando o latim, as leis e a organização imperial. A vontade de resistir, contudo, não cessou completamente, como evidenciado por revoltas posteriores, como a de Boudica na Britânia. O papel das mulheres nessa resistência é particularmente notável. Ao contrário do rígido patriarcado romano, as mulheres celtas desfrutavam de direitos legais e podiam lutar e liderar. A figura de Boudica, comandando um exército contra os romanos, é a prova mais contundente de uma sociedade onde os papéis de gênero na guerra eram muito mais fluidos.

A história dos celtas e sua interação com Roma é um estudo de caso sobre como a fragmentação interna de uma civilização pode ser sua maior fraqueza. Embora as tribos celtas fossem poderosas e populosas, a falta de uma autoridade central as deixou vulneráveis à tática romana de *divide et impera*. No entanto, a necessidade de sobrevivência frente a uma ameaça comum também demonstrou sua capacidade de união, simbolizada por líderes como Vercingetórix. A conquista romana, em seu processo de imposição de uma nova ordem, não só encerrou a independência política celta, mas também suprimiu um modelo social com características de gênero mais equitativas. A história dos celtas não é apenas sobre uma civilização que caiu, mas sobre uma cultura que foi transformada e um modelo social que foi permanentemente alterado, encerrando um caminho histórico onde papéis de gênero mais igualitários poderiam ter se desenvolvido.

## A Religião Celta e sua Herança no Mundo Contemporâneo

---

A religião entre os povos celtas ocupava um papel central em sua organização social, sua visão de mundo e suas práticas cotidianas. Para além da espiritualidade, a religiosidade norteava profissões, atividades comunitárias e até mesmo a guerra. As divindades celtas estavam relacionadas às esferas da vida prática, o intercâmbio entre diferentes tribos e como, posteriormente, parte dessas crenças foram incorporadas pela Igreja Católica. Também será abordado o renascimento do druidismo moderno, inserido no movimento neopagão e reconstrucionista. Entre os celtas, os deuses não se restringiam a aspectos distantes ou metafísicos, mas estavam intimamente relacionados às atividades práticas. Divindades como Cernunnos, associado à fertilidade, à natureza e à caça, representava a abundância e a ligação do homem com os animais. Lugus, por sua vez, era cultuado como patrono das artes e dos ofícios, simbolizando a importância da habilidade profissional para os celtas. Brigantia, divindade feminina, estava relacionada à proteção, à cura e ao fogo sagrado, refletindo o papel central da mulher em algumas tradições tribais.

Os povos celtas, apesar de compartilharem uma base cultural comum, apresentavam grande diversidade de crenças de acordo com a tribo e a região. O intercâmbio entre tribos, seja por meio de alianças, comércio ou conflitos, permitiu a circulação de divindades e rituais. Isso explica a presença de deuses com atributos semelhantes em diferentes territórios, ainda que com nomes distintos, como Lugus entre os gauleses e Lugh entre os irlandeses.

Com a expansão do cristianismo, muitas divindades celtas foram gradualmente incorporadas pela Igreja, transformando-se em santos ou mártires locais. Esse processo facilitou a conversão das populações, uma vez que mantinha símbolos familiares, agora reinterpretados sob a ótica cristã. Por exemplo, a deusa Brigid foi assimilada como Santa Brígida, mantendo atributos relacionados à fertilidade, ao fogo e à cura.

Neopaganismo e o druidismo contemporâneo

Nos últimos séculos, especialmente a partir do século XIX, surgiram movimentos neopagãos que buscaram reconstruir práticas espirituais ancestrais.



## A Religião Celta e sua Herança no Mundo Contemporâneo

---

O druidismo moderno, inspirado em evidências arqueológicas e em textos antigos, procura reviver rituais, festivais e valores do mundo celta. Embora não se trate de uma continuidade direta das tradições antigas, o movimento busca ressignificar essas práticas no contexto contemporâneo, enfatizando a conexão com a natureza e a espiritualidade comunitária.

A religião celta demonstra como espiritualidade e cotidiano estavam entrelaçados em uma visão de mundo holística. Suas divindades permeavam o trabalho, a caça e as relações sociais, enquanto o intercâmbio entre tribos reforçava a diversidade religiosa. A assimilação cristã, transformando deuses em santos, e o ressurgimento contemporâneo do druidismo revelam a força duradoura desse legado cultural e espiritual.



*Stonehenge - WikiCommons*

## Transmissão de conhecimentos entre os povos Indo-Europeus

---

A tradição oral desempenhou um papel central na preservação e transmissão do conhecimento entre os povos indo-europeus, especialmente durante os períodos em que a escrita ainda não havia sido desenvolvida ou amplamente disseminada. Esses povos, cuja origem remonta a uma proto comunidade linguística conhecida como proto-indo-europeia, utilizaram a oralidade como principal meio de perpetuar saberes essenciais para a sobrevivência, a coesão social e a organização simbólica do mundo, incluindo práticas agrícolas, tecnologias de produção, mitologia e religião.

Segundo estudiosos como Georges Dumézil (1968), as sociedades indo-europeias estavam organizadas segundo uma estrutura tripartite – função sacerdotal, função guerreira e função produtiva – e essa organização refletia-se também na forma como os saberes eram transmitidos. Cada classe social ou funcional possuía seus próprios modos de preservação do conhecimento oral, muitas vezes por meio de fórmulas fixas, poemas e narrativas mnemônicas.

A ausência de uma escrita nos primeiros estágios das culturas indo-europeias não significava ausência de complexidade cultural. Pelo contrário, a oralidade era altamente elaborada e sistematizada. A métrica poética, a repetição, os paralelismos e os esquemas rítmicos eram recursos fundamentais para a memorização e transmissão dos conteúdos, como demonstrado por Milman Parry e Albert Lord (1930-1950) em seus estudos sobre poesia épica oral, especialmente no contexto da *Ilíada* e da *Odisseia*, que conservam características de uma tradição oral indo-européia mais antiga.

No campo da religião, os mitos e ritos eram conservados e transmitidos por uma casta especializada de sacerdotes ou bardos, dependendo da cultura específica (como os brâmanes na Índia védica, os aedos na Grécia arcaica, ou os druidas entre os celtas).

Esses especialistas eram responsáveis por manter viva a memória dos deuses, dos ancestrais e das práticas rituais que garantiam a coesão social e espiritual.

## Transmissão de conhecimentos entre os povos Indo-Europeus

---

Tais narrativas não apenas reforçam valores e normas, mas também codificam conhecimentos cosmológicos e ecológicos relevantes para a sobrevivência das comunidades.

Em termos de produção material, como técnicas agrícolas, metalurgia e arquitetura, o conhecimento era transmitido por meio do aprendizado direto entre mestres e aprendizes, geralmente dentro de núcleos familiares ou grupos profissionais. Embora essa transmissão se desse principalmente de forma prática, ela também envolvia a utilização de cantos de trabalho, provérbios e fórmulas verbais que codificavam técnicas e instruções.

O legado dessa tradição oral ainda pode ser percebido na estrutura das mitologias e das literaturas tradicionais dos povos indo-europeus históricos, como os gregos, romanos, germânicos, eslavos, celtas e indo-iranianos. Muitos desses sistemas simbólicos compartilham temas, arquétipos e estruturas narrativas comuns, o que sugere a existência de um fundo mitológico partilhado, cuja transmissão se deu por meio da oralidade ao longo dos séculos.

Em suma, a oralidade entre os povos indo-europeus foi mais do que um simples meio de comunicação: foi o alicerce da preservação cultural, do ensino técnico e da perpetuação religiosa. Ela garantiu a continuidade de saberes complexos em contextos onde a escrita era inexistente ou restrita a elites, evidenciando a sofisticação das culturas orais e sua capacidade de sustentar estruturas sociais amplas e duradouras.

A análise da oralidade entre os povos indo-europeus revela uma complexa rede de saberes que se manteve viva por meio da fala, da memória e da performance. A ausência de escrita não impediu essas culturas de desenvolverem sistemas simbólicos ricos, estruturas sociais bem definidas e tradições religiosas duradouras. A oralidade não apenas preservou o conhecimento, mas moldou a própria visão de mundo desses povos. Assim, compreender seus mecanismos é essencial para entender a formação das culturas indo-europeias históricas e suas heranças contemporâneas.



## Os celtas e germânicos na Antiguidade: Historiografia

---

A história antiga frequentemente enfatiza as grandes civilizações, como Roma e Grécia, relegando outros povos a papéis secundários. No entanto, os celtas e germânicos desempenharam funções significativas na dinâmica política e cultural da Europa antiga. Este ensaio propõe-se a examinar essas sociedades, enfatizando suas características próprias e a forma como foram interpretadas pelos cronistas clássicos.

Os celtas, distribuídos por vastas regiões da Europa, apresentavam uma estrutura social complexa, com clãs e tribos organizadas hierarquicamente. Destacavam-se na metalurgia, na arte decorativa e em práticas rituais, demonstrando uma cultura rica e diversificada. A visão romana, muitas vezes estereotipada, retratava-os como bárbaros violentos, mas evidências arqueológicas recentes mostram uma sociedade sofisticada, com comércio e produção artística avançados. Os germânicos, localizados ao norte do Império Romano, mantinham uma economia baseada na agricultura, pastoreio e comércio regional. Suas estruturas sociais eram tribais, com forte ênfase em laços familiares e militares.

As fontes romanas tendem a enfatizar conflitos e invasões, mas estudos modernos indicam que a relação com Roma incluía diplomacia, trocas culturais e acordos comerciais.

A análise historiográfica revela que tanto celtas quanto germânicos foram frequentemente estudados sob a ótica do invasor, resultando em interpretações parciais. O desafio da historiografia moderna é reconstruir essas sociedades a partir de múltiplas evidências: arqueológicas, linguísticas e antropológicas.

## O Dragão no Imaginário: Mal Cósmico e o Guardião de Tesouros

---

Na Antiguidade clássica, monstros serpentiformes e dracônicos já representavam o caos e o obstáculo à ordem. A Hidra de Lerna, vencida por Hércules, e o dragão guardião do Velocino de Ouro, derrotado por Jasão, são exemplos da tradição greco-romana de monstros vencidos pelo herói civilizador. Do Oriente, sobretudo através de relatos de viajantes e mercadores, circularam descrições exageradas de animais reais como crocodilos e serpentes gigantes. Marco Polo, por exemplo, mencionou criaturas que se assemelhavam a dragões, o que contribuiu para alimentar a imaginação medieval acerca desses seres.

O cristianismo ressignificou o dragão como metáfora do mal e do pecado. No Apocalipse de João, lê-se: “E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, chamada Diabo e Satanás, que engana todo o mundo” (Ap 12:9). Essa identificação tornou-se central para a iconografia e a pregação cristã. Assim, derrotar o dragão passou a simbolizar não apenas uma façanha heroica, mas a vitória espiritual da fé sobre o mal.

Em vitrais e esculturas de catedrais, o dragão aparece sob os pés de santos e arcanjos, reforçando a ideia de que o mal, embora ameaçador, podia ser subjugado pelo poder divino.

O combate contra o dragão tornou-se uma das narrativas paradigmáticas da cavalaria medieval. O episódio mais difundido é o de São Jorge, cuja lenda circulou a partir do século XI, associando o santo ao ideal cavaleiresco: coragem, defesa da fé e proteção dos mais fracos. Além de São Jorge, outras figuras religiosas foram representadas em lutas semelhantes: Santa Margarida, que resiste ao dragão demoníaco, e São Miguel Arcanjo, que vence a serpente infernal. A função pedagógica dessas histórias era clara: transmitir ao fiel medieval que a luta contra o mal era contínua, espiritual e moral.

Na tradição germânica e nórdica, o dragão assumia a função de guardião de riquezas. A Saga de Sigurd relata como o herói mata Fáfnir, dragão que acumulava ouro e poder. Essa narrativa, além de inspirar epopeias germânicas, sobreviveu em reelaborações literárias medievais, reforçando a ideia de que enfrentar o dragão era também conquistar recompensas materiais ou espirituais.

## O Dragão no Imaginário: Mal Cósmico e o Guardião de Tesouros

Esse papel ambíguo do dragão — inimigo maligno e guardião de tesouros — ampliou sua relevância simbólica. Representava, ao mesmo tempo, o risco e a promessa, o perigo e a possibilidade de ascensão heroica.

### 5. Medo do Desconhecido e Natureza Indomável

A crença em dragões também pode estar ligada ao contato com fósseis de grandes animais pré-históricos ou ossadas de mamíferos gigantes. Para o homem medieval, sem explicações científicas modernas, tais descobertas eram facilmente interpretadas como restos de monstros lendários. Assim, o dragão incorporava o medo do desconhecido: a escuridão das florestas, os mistérios dos mares, as fronteiras não exploradas. Representava o caos da natureza, indomável e ameaçador, contra o qual a fé e a bravura humanas deveriam se afirmar.

A centralidade do dragão no imaginário medieval deve-se à sua capacidade de reunir múltiplas camadas simbólicas: a herança clássica, a influência oriental, a teologia cristã e os ideais cavaleirescos.

Como inimigo demoníaco, ele reforçava a luta espiritual; como guardião de tesouros, testava a coragem do herói; como projeção do desconhecido, simbolizava o medo diante da natureza e do caos. Mais do que uma criatura fantástica, o dragão representava a tensão constante entre bem e mal, ordem e desordem, fé e tentação. Sua permanência no imaginário europeu demonstra a força de símbolos capazes de atravessar séculos, culturas e narrativas.



*Festival do ano novo chinês - WikiCommons*

## Paulo Veyne – Como se Escreve a História (Em memória)

---

Em um momento marcado pela influência das ciências sociais, pela crítica ao positivismo e pelo florescimento da Escola dos Annales, Veyne buscou problematizar a ideia de que a História poderia se constituir como ciência objetiva e autônoma. Em *Como se Escreve a História*, o autor apresenta uma reflexão que mistura filosofia, epistemologia e prática historiográfica, abrindo caminho para novas abordagens críticas sobre o papel do historiador e o estatuto do conhecimento histórico. Um dos pontos fundamentais da obra é a crítica à noção de que a História seja uma ciência no mesmo sentido que as ciências naturais. Para Veyne, a História é antes de tudo uma narrativa organizada, resultado de escolhas seletivas feitas pelo historiador. Assim, a História não descreve a realidade tal como ela foi, mas a interpreta a partir de problemas e questões previamente colocados. Essa concepção se aproxima da ideia de 'história-problema', cara aos Annales, mas radicaliza a reflexão ao insistir no caráter inevitavelmente interpretativo e parcial de toda escrita histórica.

Outro ponto de destaque é a relação entre narrativa e verdade. Veyne argumenta que, embora a História tenha compromisso com a veracidade e com as fontes, ela jamais alcança uma neutralidade absoluta. O trabalho do historiador envolve não apenas coleta e crítica documental, mas também uma construção narrativa que dá forma ao passado. Nesse sentido, o texto histórico é sempre resultado de uma mediação entre fatos e discurso. Veyne também discute a interdisciplinaridade da História, ressaltando que o historiador se beneficia do diálogo com a sociologia, a antropologia, a filosofia e outras áreas. Contudo, insiste que a História não pode ser reduzida a nenhuma dessas ciências, pois possui um objeto próprio: a singularidade dos acontecimentos humanos.

A contribuição de Paulo Veyne é significativa por romper com a visão ingênua de uma História como espelho do passado. Sua reflexão aproxima a historiografia da filosofia da linguagem e da crítica da narrativa, antecipando discussões que seriam aprofundadas por autores como Hayden White.

## Paulo Veyne – Como se Escreve a História (Em memória)

---

Entretanto, alguns críticos apontam que sua ênfase no caráter narrativo pode levar a um relativismo excessivo, esvaziando a especificidade metodológica da disciplina. Ainda assim, *Como se Escreve a História* permanece uma obra de referência, fundamental para estudantes e pesquisadores interessados nos fundamentos epistemológicos da História. Ao questionar certezas e expor limites, Veyne contribui para uma prática historiográfica mais consciente de suas escolhas e implicações.

Conclui-se que a obra de Paulo Veyne continua atual e desafiadora. Sua crítica à objetividade e sua defesa de uma História interpretativa não apenas enriqueceram os debates da década de 1970, como também permanecem relevantes em um contexto em que a historiografia enfrenta novas pressões por objetividade e utilidade social. Ler Veyne significa revisitar questões fundamentais sobre o que é fazer História e qual o papel do historiador na construção do conhecimento.



*Paulo Veyne aos 89 anos. Imagem de divulgação*



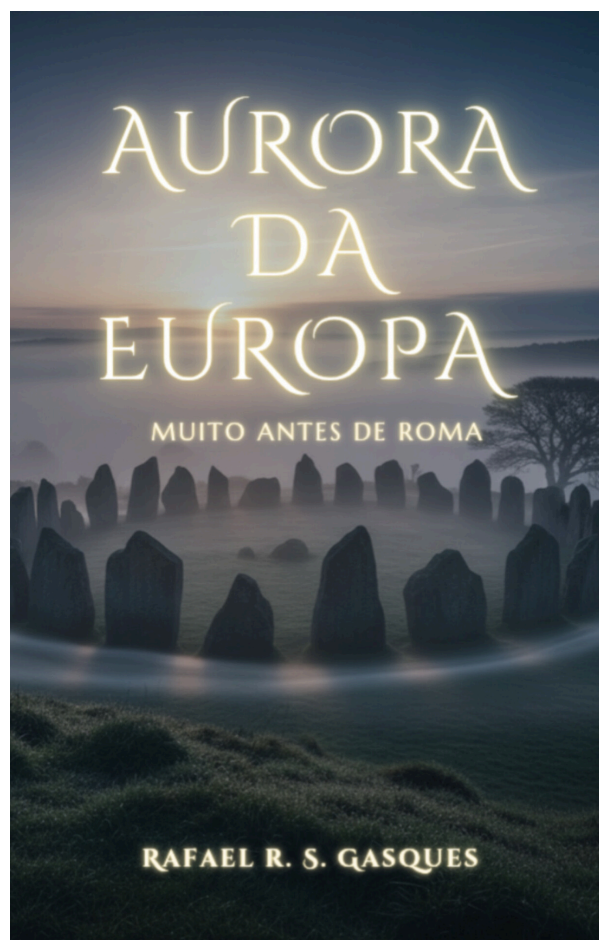
## Aurora da Europa - Novo livro digital lançado em Setembro

---

Este e-book é um convite para viajar no tempo e descobrir a riqueza cultural dos povos que moldaram a Europa antes do domínio romano. Aqui, você encontrará histórias de sociedades complexas, suas crenças, artes e legados que ainda hoje influenciam o mundo em que vivemos. Convido você a ler com atenção, refletir sobre as conexões entre passado e presente e se deixar fascinar pela diversidade histórica que tantas vezes passa despercebida.

Leia em:

**<https://zenodo.org/records/17167351>**



*Capa do Livro eletrônico*

## O Autismo na Vida Adulta: Desafios e Estratégias

---

"O autismo, também conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA), é uma condição neurológica que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento. Embora o autismo seja frequentemente associado à infância, é importante lembrar que os adultos com autismo também enfrentam grandes desafios e que precisam de apoio e estratégias para ter uma vida funcional e com autonomia.

O diagnóstico tardio tem sido cada vez mais frequente. Infelizmente isso nem sempre traz alívio. O diagnóstico tardio pode trazer uma sensação de pertencimento, esclarecer as dúvidas de uma vida toda. Entender melhor suas reações, preferências e até mesmo suas diferenças com seus pares, entretanto pode muitas vezes trazer conflitos e até mesmo preconceito daqueles com quem esse autista convive."

Este é um trecho do novo artigo sobre autismo da Pedagoga e Psicopedagoga Cristiane Gasques que você poderá encontrar em Outubro para leitura completa!



## Referências

---

- ALARCÃO, Jorge de. Portugal Romano. Lisboa: Presença, 1990.
- A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- BERNALDO, Maria. A Cultura Castreja e a Presença Celta em Portugal. Porto: Afrontamento, 2007.
- BLOCH, Marc. A sociedade feudal. Lisboa: Edições 70, 1987.
- CAMPBELL, J. The Anglo-Saxons. London: Penguin, 1991.
- CÉSAR, Júlio. Comentários sobre a Guerra da Gália. São Paulo: Martin Claret, 2015.
- CHADWICK, Nora. The Celts. London: Penguin, 1997.
- CUNLIFFE, Barry. The Ancient Celts. Oxford University Press, 2018.
- DUMÉZIL, Georges. Mito e epopeia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ELLIS, Peter Berresford. A Brief History of the Druids. London: Robinson, 1994.
- ELLIS, Peter Berresford. Celtic Myths and Legends. London: Constable, 1999.
- GREEN, Miranda. Celtic Goddesses: Warriors, Virgins and Mothers. London: Routledge, 1995.
- GREEN, Miranda. The Celtic World. London: Routledge, 1996.
- GREEN, Miranda. The Gods of the Celts. Gloucester: Alan Sutton, 1986.
- HALE, John. Linguistic Reconstruction and the Indo-European Tradition. Cambridge University Press, 2007.
- HAYWOOD, J. The Penguin Historical Atlas of the Vikings. London: Penguin, 1995.
- HAYWOOD, John. Atlas Histórico dos Vikings e Celtas. São Paulo: Publifolha, 2011.
- HUTTON, Ronald. Blood and Mistletoe: The History of the Druids in Britain. New Haven: Yale University Press, 2009.
- HUTTON, Ronald. The Pagan Religions of the Ancient British Isles. Oxford: Blackwell, 1991.
- JONES, G. A History of the Vikings. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- KRUTA, Venceslas. Les Celtes: Histoire et Dictionnaire. Paris: Robert Laffont, 2000.
- LE GOFF, Jacques. O imaginário medieval. Lisboa: Estampa, 1994.
- LE ROUX, Françoise; GUYONVARC'H, Christian-J. The Druids. Tuckwell Press, 1994

## Referências

---

- MACCULLOCH, J. A. The Religion of the Ancient Celts. Edinburgh: T. & T. Clark, 1911.
- MACCULLOCH, J. A. The Religion of the Ancient Celts. London: Constable, 1911.
- MALTA, C. Povos do Mar e as origens da navegação no Mediterrâneo. Lisboa: Edições Clássicas, 2010.
- MEID, Wolfgang. Celtic Religion. Innsbruck: University of Innsbruck Press, 1996.
- MILES, Rosalind. The Women's History of the World. London: Paladin, 1989.
- PARRY, Milman; LORD, Albert B. The Singer of Tales. Harvard University Press, 1960.
- PLÍNIO, o Velho. História Natural. Trad. portuguesa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- RANKIN, David. Celts and the Classical World. London: Routledge, 1987.
- RICHARDS, J. Viking Age England. Stroud: Tempus, 2004.
- ROSS, Anne. Pagan Celtic Britain. London: Routledge, 1967.
- RUIZ ZAPATERO, Gonzalo. Los Celtas en la Península Ibérica. Madrid: Sílex, 2011.
- SAWYER, P. The Oxford Illustrated History of the Vikings. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da. A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- SNYDER, Christopher. The Britons. Oxford: Blackwell, 2003.
- STRABO. Geografia. Trad. espanhola. Madrid: Gredos, 1992.
- TODD, Malcolm. The Early Germans. Blackwell Publishers, 1992.
- TODD, Malcolm. The Early Germans. Oxford: Blackwell, 1992.
- TOLKIEN, J.R.R. Beowulf: The Monsters and the Critics. London: Oxford University Press, 1936.
- VEYNE, Paul. Como se escreve a história. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- WATKINS, Calvert. How to Kill a Dragon: Aspects of Indo-European Poetics. Oxford University Press, 1995.

## Referências

---

- WATKINS, Carl. History and the Supernatural in Medieval England. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- WEBSTER, Jane. Boudica: Iron Age Warrior Queen. Stroud: Tempus, 2000.
- WELLS, Peter S. The Barbarians Speak: How the Conquered Peoples Shaped Roman Europe. Princeton University Press, 1999.
- WEST, M. L. Indo-European Poetry and Myth. Oxford University Press, 2007.
- WOOD, Juliette. The Celts: Life, Myth, and Art. New York: Thames & Hudson, 1998.